

MOTIVOS DAS NAVEGAÇÕES NA POESIA PORTUGUESA DO SÉCULO XX: O VELHO DO RESTELO *

MARIA HELENA NERY GARCEZ
USP

Indubitavelmente, para os leitores da poesia portuguesa, a denominação "O Velho do Restelo" resulta muito familiar. Designa o episódio com que o poeta Luís de Camões fecha o canto IV de *Os Lusíadas*, na sequência do longo relato da história de Portugal que Vasco da Gama vai fazendo ao rei de Melinde desde o canto III. Foram os leitores da obra e não Camões que, ao longo dos séculos, criaram este apelativo para o episódio da fala do velho "d'aspeito venerando" e, desde muito cedo ele se constituiu num sinal de contradição para os estudiosos da épica portuguesa, devido à sua natureza polêmica. São numerosos os estudos que ora interpretam o epifonema como uma crítica indireta de Luís de Camões à empresa dos Descobrimentos e outros que o eximem de tal intenção ao fazerem fincapé na polifonia narrativa que percorre o poema.

Seja como for, o episódio tem exercido seu fascínio sobre os leitores de *Os Lusíadas* muito provavelmente por incorporar superiormente a histórica divisão nacional em dois grandes partidos: o dos favoráveis à aventura marítima e à política expansionista e o dos defensores da política da terra, do desenvolvimento agrário e pastoril.

Mas não são apenas os estudiosos que se têm debruçado sobre esse epifonema. Ao longo dos quatro séculos de literatura que se seguiram à composição de *Os Lusíadas* ecos de e alusões a essas apóstrofes inflamadas fizeram-se ouvir ora em verso, ora em prosa, ora defendendo um lado ora reforçando os argumentos do outro num interessante vai e vem intertextual. Debrucemo-nos, aqui, sobre a poesia de dois poetas do século XX, distanciados no tempo e muito diferentes sob vários pontos de vista, Fernando Pessoa e Alexandre O'Neill, para surpreendemos a interpretação que cada um deles deu a essa figura polêmica e o modo como ela aparece em suas respectivas poesias.

Diz-nos a insigne mestra e ensaísta Maria de Lourdes Belchior, num breve artigo de confronto entre *Os Lusíadas* e *Mensagem*:

* Comunicação apresentada no Congresso: "América 92: Raízes e Trajetórias" na FFLCH/USP em agosto de 1992.

"Do mito do Velho do Restelo procurar-se-ão em vão os sinais na Mensagem. O poema "Mar Português" faz o balanço das dores que as navegações custaram: lágrimas, angústias, desespero, sofrimento: em "Horizonte" faz-se menção dos medos vencidos - noite, cerração, tormentas - e em "Padrão" de esforço e ambição. No Poema de Fernando Pessoa parece não haver lugar para os elementos aludidos na fala do Velho do Restelo: o Mar sem fim é Português; dobrado o Assombro, o mar é o mesmo: já ninguém o tema ("Epitáfio de Bartolomeu Dias)".¹

Compreendendo o ponto de vista de Maria de Lourdes Belchior, que a leva a negar a existência de sinais do mito do velho do Restelo em **Mensagem**, atrevo-me, no entanto, a interpretar um pouco diferentemente o poema "Mar Português". Recordemo-lo:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.²

Não é verdade que podemos ver, neste breve poema da Parte II de **Mensagem**, uma eloquente resposta às veementes indagações e invectivas que o "velho d'aspeito venerando" proferira em **Os Lusíadas** na ocasião do embarque solene dos navegantes na praia do Restelo? Concordo com que está ausente a representação da figura do velho - invenção camonianiana pois não se trata de um fato histórico - mas está presente uma contestação à sua fala e maldições, procedimento que torna implícita a sua presença em **Mensagem**, uma sutil presença criada pela ausência. Aliás, é de se notar

¹ Belchior, Maria de Lourdes - "Fernando Pessoa e Luís de Camões: Heróis e Mitos n'Os Lusíadas e na **Mensagem**", p.8.

² Pessoa, Fernando - **Obra Poética**. 4ª ed., Edição organizada por Maria Aliete Galhoz, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1972, p.82.

o extremo cuidado de Fernando Pessoa em não deixar visível que **Mensagem** se constrói sobre **Os Lusíadas**, supondo-o, completando-o e, às vezes, dele divergindo.

A primeira estrofe inteira de "Mar Portuguez" é dedicada ao elogio do sacrifício pátrio que foi o preço da empresa, constituindo uma resposta às primeiras invectivas do velho:

Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atíça
Cūa aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles esprimentas!

Dura inquietação d'alma e da vida,
Fonte de desemparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios !
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo dina de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana³.

Ao desejo de poder, à cobiça, à busca da fama é que é atribuído o empreendimento marítimo. Tais críticas devem, contudo, merecer consideração detida da parte do leitor, já que essa fala que Camões incorpora em seu poema é merecedora de respeito: o velho é "d'aspeito venerando", o seu saber é "só de experiências feito" e seu peito é "experto". Ele emprega palavras duras como "vaidade", "fraudulento gosto" e denuncia o emprego nominalista de termos como "glória soberana" e "fama", usados pelo régio poder a fim de enganar o "povo néscio". Toda a política de expansão marítima é vivamente denunciada e questionada:

A que novos desastres determinas
De levar estes Reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?

³ Camões, Luís de - **Os Lusíadas**. Edição comentada por Emanuel Paulo Ramos, Porto, Porto Editora, 1985, est. 95 e 96.

Que famas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias? (IV, 97)

O poema "Mar Portuguez" de **Mensagem**, composto por uma voz lusíada de quatrocentos anos depois, parece-me precisamente dirigido a poetizar o Juízo da História acerca do valor do empreendimento. A questão axiológica é levantada e, ato contínuo, respondida, de modo sentencioso: "Valeu a pena? Tudo vale a pena/ Se a alma não é pequena". Mais: vem completada por outro dito ufano e sentencioso "Quem quere passar além do Bojador / Tem que passar além da dor", e este é ainda reforçado pela lição final: "Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,/Mas nelle é que espelhou o céu". Seria possível valorizar mais e melhor a política marítima da expansão? Para a voz pessoana todos os sacrifícios foram bem recompensados pela posse do mar. Os portugueses, sucessores dos romanos que chamavam "Mare nostrum" ao pequeno Mediterrâneo, saem vencedores no confronto, já que "...o mar com fim será grego ou romano: / O mar sem fim é portuguez" ("Padrão").

Passemos, agora, ao segundo autor por nós selecionado. Alexandre O'Neill na sua obra poética tantas vezes amarga, cética e sarcástica faz diversas alusões à questão das navegações e do estado atual da pátria, tendo também um poema que retoma o motivo por nós considerado, dando dele uma nova visão. É o caso do poema "Um Velho no Restelo" do livro **As Horas Já de Número Vestidas**, publicado em 1981. Reproduzo-o a seguir:

*

UM VELHO NO RESTELO

Irado, e meio de recusa, olha as gaivotas.

*

É o Homem do Leme?
Não o creio.

*

Dá tudo por tabaco. Um cigarrinho
apazigua o velho. A sua queixa
(histórica?) é, afinal, conforme.

Vem para terra o velho. Perde uma alpargata
e apostrofa o mar, que não tem culpa
do alcatrão fervente.

*

O velho morde um pão
e deixa nele o dente.

O velho bebe um copo.
Não deixa nele a sede.

*

O mar é o ladrão.
De pais a filhos o mar é o ladrão.

*

O sal das sobrancelhas alveja em seu olhar.
Está por tudo o velho, menos pelo mar.⁴

Em primeiro lugar, o título. O indefinido "um velho", acentuando bem a diferença do episódio paradigmático e a preposição "no" mostrando localização e não procedência. Não se trata, portanto, daquele "velho d'aspeito venerando", conhecido entre os lusitanistas por ter dirigido aquela inflamada apóstrofe aos navegantes. Trata-se, em primeira instância, de um velho qualquer que não é "do" Restelo mas que está "no" Restelo.

Caracteriza-se o poema pela liberdade formal e irregularidade estrófica, métrica e rímica. Sua figura central, um "velho" que "vem para terra" está numa situação oposta à de seu precursor. Tudo indica que se trata de um homem afeito às lides do mar - um pescador, muito provavelmente - que, numa embarcação, se aproxima da praia. Se, no arqutexto, ele assume posição de quem, por ter sabedoria vivida, pode aconselhar e exortar, neste poema o velho nem tem "aspeito venerando", nem é eloquente.

Em *Os Lusíadas* tudo concorre para dignificá-lo, rodeá-lo de uma aura solene, quase religiosa, que faz pensar nalgumas figuras de patriarcas do Antigo

⁴ O'Neill, Alexandre - *Poesias Completas* (1951-1986). 3ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990, p. 434.

Testamento. O aspecto oracular está na cabeça que meneia "descontente" por "três vezes", na "voz pesada" que se ouve claramente mesmo à distância, no "saber só de experiências feito", no "experto peito". O aspecto oracular está igualmente em sua vigorosa fala, feita de exclamações e indagações, na maldição, deplorações e lamento que profere. Seu discurso fica ecoando no Restelo, enquanto a armada parte e a única resposta que talvez possamos discernir é o próprio movimento da partida que abre o canto V:

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e socegado,
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: "Boa viagem! ". Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento. (V,1)

A Palavra que abre O poema de O'Neill é um particípio passado e, logo a seguir, outra indicação de uma circunstância de modo: "Irado, e meio de recusa... ". Isso têm em comum os dois velhos: a atitude irada, embora o do arquitepo defenda uma causa de interesse nacional, coletiva, enquanto o do texto de O'Neill não da mostra alguma de possuir uma causa por defender. Este surge contrariado sem motivo aparente, autorizando falar em mau humor, em uma atitude - talvez habitual - de descontentamento com a vida.

A parcimoniosa primeira estrofe, constituída de um verso solitário, é o bastante para erguer a figura do velho e para evocar a do paradigma camoniano. De diferente há o fato de olhar "as gaivotas", gesto que a personagem camoniana está longe de fazer. Como interpretá-lo? Um lírico movimento de amor à liberdade ou de contemplação amorosa da natureza? Mas o modo "irado e meio de recusa" não casa bem com o lirismo. Talvez um gesto quase mecânico de quem não tem muito o que fazer e vai assim gastando o tempo.

A segunda estrofe é, no mínimo, provocadora. Reduz-se a estes dois breves versos: "É o Homem do Leme? / Não o creio."

Chama a atenção a grafia em maiúscula para Homem do Leme, como a contribuir para a propagação de um novo tipo mítico, a par do "Velho do Restelo", este agora tirado de **Mensagem**. É no poema "Mostrengo" de Pessoa que, a cada arremetida da tenebrosa figura que indaga acerca da identidade daquele que ousou desvendar os "tectos negros do fim do mundo", que o "homem do leme", com minúscula, responde: "El-Rei D. João Segundo". Importa ressaltar que, na terceira vez o discurso muda de maneira muito significativa:

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as repredeu,

E disse no fim de tremer trez vezes,
"Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quere o mar que e teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!"⁵

O "homem do leme" do poema de Pessoa, Bartolomeu Dias, muito provavelmente, num primeiro nível, depois o próprio Povo português, constitui uma figura heróica, um mito em construção. Pode-se-lhe atribuir todo o espírito de aventura dos lusitanos, a audácia, firmeza e fortaleza que demonstrou possuir no empreendimento das navegações. Trata-se de uma figura heróica. Em "Um Velho no Restelo", a voz que enuncia o poema em 1ª pessoa e que só se mostra neste preciso momento duvida de que ele possa ser "o Homem do Leme". Não há nele heroicidade alguma e os versos seguintes deixam isso patente. "Dá tudo por tabaco. Um cigarrinho / apazigua o velho. A sua queixa / (histórica?) é, afinal, conforme.

Este velho, que pela alusão ao poema pessoano, passa a acumular uma significação coletiva, não tem o porte digno e heróico do "homem do leme". É descrito como degradado. É fácil de comprar o velho ou de abrandar sua ira: ele "dá tudo por tabaco". Pouco heróica ou nada heróica, pouco altruista e idealista é essa figura irada a quem um simples "cigarrinho" - banal prazer - é suficiente para apaziguar. Quão distante está do arquétipo camoniano! Sua queixa, afinal, não é histórica, mas é "conforme" - notável achado polissêmico, significando "resignada", "conformada", segundo as conveniências ou ainda segundo as circunstâncias. Este velho não tem convicções a defender como o seu antepassado camoniano, não tem uma causa, não se manifesta criticamente diante de uma medida governamental nem muito menos diante da humana condição. Luta apenas por seu prazerzinho, seu cigarrinho; sua queixa não atinge nunca dimensões mais amplas, extra-individuais. Se, como no poema pessoano, ele pode ter dimensões coletivas, diríamos que se trata de uma coletividade que já não tem consciência coletiva, de uma coletividade de seres amorfos que não vão além das dimensões de suas vidinhas particulares.

É a quarta estrofe que nos informa de que o velho esta vindo para a terra. Informa-nos, além disso, de outra circunstância prosaica, quase grotesca. Perde uma alpargata e apostrofa o mar, "que não tem culpa / do alcatrão fervente". Suas queixas e apóstrofes (aliás, está é a única que se menciona) são todas por motivos comeczinamente pessoais. Mais grave ainda é ele apostrofar o mar quando este não tem nada a ver com o "alcatrão fervente" que terá de enfrentar sem uma das alpargatas. Não terá esta estrofe uma dimensão maior, simbólica? Não constituirá um exemplo do

⁵ Pessoa, F. op.cit., p. 79-80.

comportamento daqueles que apostrofam o mar a torto e a direito, considerando-o culpado de todos os males, o bode expiatório da nação? Mais ainda: não estará também contida nesta estrofe uma crítica à própria atitude do "Velho do Restelo" camoniano, que - talvez o primeiro na literatura - apostrofa o mar, amaldiçoando-o quando amaldiçoa o inventor da navegação? Não se terá criado, depois deste, como que um hábito nacional?

Ó maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas pôs em seco lenho!
Dino da eterna pena do profundo,
Se é justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juízo algum alto e profundo,
Nem cítara sonora ou vivo engenho,
Te dê por isso fama nem memória!
Mas contigo se acabe o nome e glória! (IV, 102)

Se é possível que aquela estrofe de O'Neill contenha implícita uma crítica a esta de Camões e a todo o episódio, então o poeta surrealista também está tomando posição relativamente àquele famoso epifonema. Apostrofar o mar aparece como atitude irracional, insensata, injusta, portanto. O mar não é a causa de todos os males, não deve ser chamado de "ladrão", como se vê na 6ª estrofe. Porém, não passemos adiante sem tratar da estrofe quinta.

Compõe-se esta de dois dísticos separados por um espaço um pouco maior. Poderíamos até pensar que se trataria de duas estrofes mas o sentido dos versos e a própria disposição gráfica do poema orienta para que os leiamos como uma unidade de sentido, um só bloco.

O velho morde um pão
e deixa nele o dente.

O velho bebe um copo.
Não deixa nele a sede.

O comer e o beber, necessidades fundamentais, podem ser tratadas de muitos modos: gesto ritual, celebração, momento de lazer ou como ato animal de satisfação do instinto. Parece-me que o poema em questão está mais próximo da última das possibilidades arroladas. A figura do velho degrada-se mais. Ele "morde um pão". Na verdade, a expectativa mais normal para um ser humano parece-me que deveria ser: come. "Morde" é um termo que empregamos mais para referir-nos aos animais. Ora,

quando se diz que "deixa nele o dente" a figura do velho torna-se mais e mais grotesca; já está se decompondo.

Este poema não é um caso isolado na obra de Alexandre O'Neill. Lembra logo "O ladrão do pão" do livro **De Ombro na Ombreira** (1969) e tem a ver com outros como "Balada da Ameixa Seca", do livro **As Horas Já de Número Vestidas** (1981), "Alpendre/1,2,3 e 4" de **Entre a Cortina e a Vidraça** (1972), "Made in Portugal" e "Portugal" de **Feira Cabisbaixa** (1965).

Lembremos agora o título do poema: "Um Velho no Restelo". Nele vimos duas mudanças fundamentais relativamente à designação com a que se immortalizou o episódio do poema camoniano. De definido, o velho passa a indefinido, de identificado como "do Restelo" perde essa identificação. Isto é fundamental, porque de identidade é que se trata neste poema. O movimento que se dá do episódio camoniano para este é o de perda: perda da identidade. Este velho que agora se encontra - degradado - *no* Restelo é o país sem rumo, sem causa, sem ideal por que lutar. No local glorioso do passado assiste-se ao grotesco retorno de um país envelhecido e desprovido de alma que "está por tudo", "menos pelo mar". Quão diferentes são as visões de um Fernando Pessoa e de um Alexandre O'Neill!